



“CIVILIZAÇÃO: ANTÍDOTO PARA A VIOLÊNCIA...” (Freud)

O Almanaque DANT entrevistou a Dra. Maria Cecília Souza Minayo sobre os temas violência, alcoolismo e acidentes de trânsito. Dra. Cecília, respeitada profissional, é graduada em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978), e Ciências Sociais - State University of New York (1979), com mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985) e doutorado em Saúde Pú-

blica pela Fundação Oswaldo Cruz (1989). Atualmente é pesquisadora titular da Fundação Oswaldo Cruz. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em ciências sociais em saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: violência e saúde, causas externas, sociologia da saúde, antropologia da saúde, metodologias de pesquisa em saúde, metodologia qualitativa e pesquisa social. É Editora Científica da revista Abrasco Ciência & Saúde

Coletiva; membro do Conselho Editorial de várias revistas, dentre elas Revista de Saúde Pública, Revista Saúde e Sociedade, Interface, Revista de Educação Médica, Revista de Epidemiologia e Serviços de Saúde, International Journal of Multiple Methods Research e Medic Review. Já orientou 50 teses de dissertação de mestrado e doutorado. É consultora do Ministério da Saúde, do Ministério da Justiça e do Ministério da Educação.

Dra. Cecília, no seu entender, qual é a melhor definição de violência?

A violência é um fenômeno social que está presente em qualquer sociedade desde as mais primitivas até as mais complexas e em qualquer parte do mundo. Caracteriza-se pelo uso da força física, psicológica e até espiritual para dominar, subjugar, ferir e matar pessoas, grupos, classes ou nações. Embora exista em todo lugar onde haja relações humanas, as expressões de violência se distinguem conforme as sociedades e sua história social e cultural. As sociedades menos violentas são aquelas que conseguiram maior

nível de desenvolvimento dos direitos humanos, sociais, políticos e de grupos específicos. Como dizia Freud numa carta para Einstein, “o antídoto da violência é a civilização”.

Como podemos contextualizar a violência no Brasil? Quais os fatores que mais contribuem para explicar os nossos indicadores de violência?

A violência no Brasil é a resultante de um conjunto de problemas, alguns estruturais e outros conjunturais. Alguns de responsabilidade do poder público, outros de responsabilidade das sociedades e

dos indivíduos. Temos uma desigualdade acachapante que em si já é o que chamamos violência estrutural, aquela que de forma naturalizada permite a vivência de grandes camadas da população em condições de fome, miséria e exploração. Temos vários tipos de delinquência, entre as quais ressaltamos o crime organizado e as organizações de bandos ou quadrilhas, ambas as formas se distinguem por serem um tipo de violência que se reforça no grupo e quase sempre é potencializada pelo uso de armas de fogo. Mas a violência social propriamente dita é cometida ainda nas inter-relações – ou seja, sem que

as pessoas que as praticam pertençam a bandos ou quadrilhas - matam, ferem ou oprimem os outros. Em muitos lugares do país, as maiores taxas de violência se devem à violência interpessoal. Existe um tipo de violência que é preciso denunciar sempre, pois normalmente passa ao largo de nossa consciência: é a violência cultural responsável pelos maus tratos entre maridos e esposas; pais e filhos; entre irmãos; por motivos de raça, cor, opção sexual ou de outros tipos de diferenças como é o caso de abusos de pessoas com deficiências. A violência cultural costuma ser um fenômeno de longa duração, que resiste ao tempo e é difícil de ser modificada. Os estudiosos do tema da violência sempre mostram que, geralmente a violência se potencializa: a que é praticada na vida privada com a social e vice-versa. Um grande problema brasileiro no sentido que estamos analisando é o fato de que corrupção e impunidade são dois componentes muito fortes que alimentam e realimentam a delinquência e a violência em geral.

Qual a importância do uso de álcool associado às situações de violência?

Muitos estudos mostram que - não o uso - mas o abuso de álcool está associado à violência interpessoal, sobretudo nas brigas e desavenças que ocorrem nos bares, nos jogos e nas ruas; nas várias formas de violência intrafamiliar e na violência que acontece no trânsito.

O álcool influi de modos diferentes nos diversos tipos de violência?

Não temos estudos suficientes para apresentar muitas distinções. Mas alguns pesquisadores vêm mostrando, por exemplo, que os efeitos são diferentes entre homens e mulheres. As mulheres costumam ficar mais prostradas quando bêbadas e os homens mais agressivos.

E relacionado ao acidente de trânsito?

No trânsito, o álcool é pernicioso porque leva os motoristas a perderem o controle de seus reflexos, realizando ações que não fariam se estivessem sóbrios, colocando em risco a própria vida e a dos

outros. E também potencializa brigas e desavenças que freqüentemente acabam em acidentes e mortes.

Segundo sua experiência, qual intervenção seria mais adequada na questão do uso do álcool na perspectiva da Promoção da Saúde?

Esta é uma pergunta muito difícil de responder e para a qual não tenho uma convicção formada. Estamos socializados com o chopinho e a cervejinha às tardes depois do trabalho e com as bebidas em festas. Creio que qualquer intervenção proibitiva, tipo lei seca, só aumentará a repressão, trazendo todos os malefícios que os Estados Unidos experimentaram na primeira metade do século XX. Acho também que se não podemos proibir, também não devemos incentivar a bebida. Mas podemos e devemos mostrar os malefícios do abuso. No caso dos jovens, para quem a receita explosiva e absolutamente preditiva de acidente é a combinação entre abuso de bebida, excesso de velocidade e sono, a melhor orientação é que façam uma lotada e peguem um táxi.

Dados Alarmantes

No Brasil, na década de 90, mais de 1 milhão de pessoas morreram vítimas de violência e acidentes: cerca de 400 mil por homicídios, 310 mil em acidentes de trânsito e 65 mil por suicídios, sendo o restante em acidentes em geral. Nos últimos 20 anos, o risco de uma pessoa morrer por homicídio no Brasil teve um crescimento proporcional de 246%. Em 1980, em cada 100 mil pessoas, 117 morriam por homicídios. Em 2003, esse número foi de 288 para cada 100 mil habitantes.

No ano de 1980, os homicídios corresponderam a 19,8% (13.910 óbitos) do total das mortes por causas externas no Brasil. Já em 2003, essas agressões corresponderam a 40,3% (50.980 óbitos), confirmando a tendência de crescimento. Em 1991, 50,3% (15.460) das mortes ocorreram por crimes com armas de fogo. No ano de 2003, esse percentual subiu para 70,8%, o que corresponde a 36.081 mortes. (MS)



O custo da violência

No ano 2003, os hospitais públicos e conveniados ao Sistema Único de Saúde (SUS) realizaram 753.304 internações por acidentes e violências. Esses agravos ocuparam o sétimo lugar no total de internações, se excluídos os partos. O custo médio de tratamento de pessoas feridas, traumatizadas ou lesionadas por acidentes e violências foi 27% maior que o custo médio das internações por outras causas. As quedas responderam por 45% dessas internações; os acidentes de transportes, por 15%; e as agressões, por 6%. Isso representou aumento de 20% do custo total das internações, fora os gastos ambulatoriais e de reabilitação. Estima-se que os gastos na área de saúde em virtude da violência consumam cerca de 3,3% do PIB brasileiro. Essa cifra sobe para 10,5%, se incluídos os custos indiretos e as transferências de recursos para Estados e municípios (MS).



Violência

De modo geral, define-se violência como sendo o uso de palavras ou ações que machucam as pessoas. É violência também o uso abusivo ou injusto do poder, assim como o uso da força que resulta em ferimentos, sofrimento, tortura ou morte.

TIPOS DE VIOLÊNCIA

Violência estrutural e sistêmica

Para Minayo, a violência estrutural “caracteriza-se pelo destaque na atuação das classes, grupos ou nações econômica ou politicamente dominantes, que se utilizam de leis e instituições para manter sua situação privilegiada, como se isso fosse um direito natural”.

A violência sistêmica brota da prática do autoritarismo, profundamente enraizada, apesar das garantias democráticas tão claramente expressas na Constituição de 1988. Suas raízes, no Brasil, encontram-se no passado colonial. Ainda hoje, as manifestações da violência sistêmica são inúmeras, e o Estado tem se mostrado bastante ineficaz no combate à tortura legal e aos maus-tratos aos presos, bem como à ação dos grupos de extermínio.

Violações constantes dos direitos humanos permanecem, em sua maioria, impunes. “Essa falência em implementar a lei enfraquece a vigência e dificulta o fortalecimento da legitimidade do governo democrático como promotor da cidadania”.

Violência Doméstica

Violência doméstica é o abuso do poder exercida pelos pais ou responsáveis pela criança ou adolescente. Apesar de nem todas as pessoas inseguras serem espancadoras, a maioria dos espancadores são inseguros e procuram afirmar seu poder de dominação pela força física.

Existem vários tipos de violência doméstica: violência física (bater, beliscar, empurrar, chutar), a violência psicológica (xingar, humilhar, agredir com palavras), o abuso sexual, a negligência e o abandono.

Em termos estatísticos, no Brasil, cerca de 70% dos casos de violência contra crianças e jovens, tem os pais como agressores. Essas agressões, em geral descontroladas, são consideradas como medidas de educar e disciplinar, próprias do poder dos pais. No entanto, com frequência, tais “medidas educativas” ultrapassam o razoável e tornam-se atos violentos de abuso do poder parental.

Violência Policial

Essa forma pode ser considerada como violência sistêmica, na medida em que para muitos estudiosos os seus efeitos são considerados reflexos do passado político brasileiro.

Há pelo menos quatro concepções diferentes de violência policial, que são relevantes para a compreensão e a redução de sua incidência no Brasil e que tem implicações importantes para a formulação e a implementação de estratégias de controle.

1. O uso da força física contra outra pessoa de forma ilegal, não relacionada ao cumprimento do dever legal ou de forma proibida por lei;
2. O uso desnecessário ou excessivo da força para resolver pequenos conflitos ou para prender um criminoso de forma ilegítima;
3. Os usos irregulares, anormais, escandalosos ou chocantes da força física contra outras pessoas;
4. O uso de mais força física do que um policial altamente competente consideraria necessário em uma determinada situação.



Depoimento: Alcoolismo e violência

Milton Wrigg, casado, pai de 2 filhos, 77 anos, deu seu testemunho de vida, pois é alcoolista abstinêto há 23 anos. Ele conta que costumava freqüentar vendas, onde bebia e se embriagava durante o dia todo. Chegava em casa e brigava com sua esposa e filhos, proferia muitas ofensas. “Quando o bêbado chega em casa já vem com prevenção contra a família, me arrependo até o último fio de cabelo das ofensas, com palavras de baixo calão, que fiz à minha esposa”, salienta Sr. Milton. Nesta época possuía uma oficina de eletro-eletrônicos. Embriagado, após uma briga com a mulher e seus filhos, chegou a queimar, na praça em frente a sua casa, todo o material da oficina e livros. Em uma discussão, um de seus filhos perguntou o que ele queria, se um médico ou uma internação, mas o que fez Sr. Milton pensar foi a pergunta “Você já pensou em parar de beber?”. Ele diz que esta pergunta é fundamental para o alcoolista começar a pensar nesta hipótese.

Trabalhava como mecânico de trens e que devido a periculosidade da função, 70% dos funcionários bebiam e com ele não foi diferente, até que descobriu ser alcoólatra. Passou por médicos, tomou remédios, parou de beber durante 13 anos e foi promovido na empresa. No setor era realizado um jogo e a cada 2 meses o dinheiro arrecadado era utilizado para fazer festas, foi onde voltou a beber. Como precisava esconder o alcoolismo da chefia, resolveu se aposentar para não ter que dar satisfações aos seus superiores.

Certo dia, em uma das vendas que freqüentava, viu um cartaz da Associação Antialcoólica do Estado de São Paulo, mas não queria parar de beber. Sempre arremava pretexto para beber ao invés de ir às reuniões, até que um dia a sua esposa, mesmo ele estando bêbado, separou o terno, a gravata e fez ele ir à primeira reunião. Sr.

Milton diz que foram os 2 piores meses de sua vida, levantava de madrugada para beber e como não achava bebida em casa, saía pelas ruas procurando algum lugar que estivesse aberto. “Não tomava banho, vivia sujo e esfarrapado”, lembra. Contou ainda, que sua maior sensação de humilhação foi em um dia em que estava embriagado, caído em frente a porta de casa e não sabia onde estava, pediu ajuda à 2 moças que passavam para chamar sua mulher. “Quem mais sofre é a esposa. A bebida é sua maior rival.”, comenta dona Cezira Munhoz Wrigg, esposa de Sr. Milton.

Lembra que chegou na Associação para brigar e não para parar de beber, até que um testemunho lhe chamou a atenção, pois se identificou com a história. Ao sair viu uma placa com os dizeres: Evite o primeiro gole, evite o segundo gole. E pensou “este é o segredo para parar”, mas comenta que é difícil não dar o primeiro gole, porque o alcoolista começa a se orgulhar do tanto que bebe e se apaixona pela bebida. Depois de um tempo a bebida se apaixona por ele e não o larga mais.

Na Associação os alcoolistas fazem voto para não beber e após 15 dias de abstinência podem dar seu primeiro depoimento. A cada 3 meses recebem medalhas e condecorações. Sr. Milton guarda e exhibe com orgulho cada uma de suas medalhas conquistadas e principalmente a última, a de 23 anos. Quando perguntado sobre qual é a mais importante, responde prontamente: “A próxima, a 24ª, porque é a que estou lutando para conquistar”.

Depois que parou de beber, voltou a estudar e concluiu o ensino médio. Hoje faz parte da Associação, onde cuida da escrituração e atas. Mas salienta “o melhor da abstinência é que recuperei minha dignidade, o meu ‘eu’, minha esposa, o respeito da minha família e amigos e assim posso ajudar os outros”.

“Quando o bêbado chega em casa já vem com prevenção contra a família, me arrependo até o último fio de cabelo das ofensas, com palavras de baixo calão, que fiz à minha esposa”

“O melhor da abstinência é que recuperei minha dignidade, o meu ‘eu’, minha esposa, o respeito da minha família e amigos e assim posso ajudar os outros”

Assessoria Técnica:
Cristina Martin Vidal França
Ana Carolina Jurado
Maria Lucia Scalco
Cleide de Paula